

LIAMES 8 - pp. 121-140, Primavera 2008

Lucy Seki¹

(Departamento de Lingüística, IEL-UNICAMP)

Revisitando os apontamentos para a bibliografia da língua botocudo/borum²

1. INTRODUÇÃO

A família lingüística botocudo (borum), do tronco macro-jê (Rodrigues, 1972), é uma das menos conhecidas do Brasil³. Embora tenha ocupado uma enorme área geográfica que se estendia desde o rio Pardo, na Bahia, até o rio Doce, em Minas Gerais e no Espírito Santo, e embora seus povos tenham estado em contacto com os colonizadores desde o século XVI, nenhuma de suas línguas ou dialetos foi documentada de modo satisfatório.

Nos dois primeiros séculos que se seguiram à descoberta do Brasil, os contactos entre os colonizadores e os Aimorés (Aymorés, Guaimurés, Ambarés, Embarés) e os Guerens (Gherens, Grens, Krens), nomes com que eram então conhecidos os Botocudos⁴, ocorreram

¹ Pesquisadora bolsista do CNPq.

² Esta é uma versão atualizada de um trabalho apresentado no GT História Indígena e do Indigenismo, X Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação de Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Campos do Jordão, 23 de outubro de 1986, que foi publicada em *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (18):143-151. Campinas: Setor de Publicações-IEL-UNICAMP, 1990, e na *Revista de Antropologia*, vol. 30/32:511-535. São Paulo: USP, 1989.

³ Gostaríamos de agradecer ao professor Mansur Guérios pela gentileza em enviar-nos (em mãos) seu caderno com dados coletados em campo e pela amável carta em que nos comunica o envio e explica os cuidados que teve em realçar partes já um pouco apagadas de suas anotações. Agradecemos também a R. Monserrat por fornecer-nos cópias das listas que coletou juntamente com C. Emmerich e ao Summer Institute Linguistics pela presteza em enviar-nos cópia dos dados de M. Stout. Somos gratos ao professor A. Rodrigues e à Elena Godoy por facilitar-nos o acesso a certas obras. Agradecemos ainda à FAPESP e ao FAEP-UNICAMP pelo auxílio, que nos possibilitou uma estadia em São Petersburgo e alcançar um objetivo havia muito almejado: consultar os materiais lingüísticos inéditos sobre a língua botocudo, coletados em 1915 pelo etnólogo russo H. H. Manizer, no decorrer de sua estada entre os Botocudo do rio Doce. Expressamos o nosso profundo reconhecimento aos funcionários das instituições russas. Embora o mês de julho seja o período de férias, em que os arquivos estão fechados a visitantes, não só nos permitiram o ingresso nas instituições, como também nos facilitaram sobremaneira o trabalho, atendendo-nos da melhor maneira possível. Agradecemos ainda ao professor Michael Havas pela cópia de parte (letras A-L) do vocabulário (manuscrito) de Manizer.

⁴ Os estudiosos divergem quanto à aceitação de uma identidade entre os Botocudos e os Aimorés.

em pontos do litoral da Bahia e do Espírito Santo, sendo esporádicos e marcados pela violência. Os indígenas teriam depois se embrenhado pelos sertões dos rios Pardo, Jequitinhonha, Mucuri e Doce, voltando a se defrontar de modo mais intenso com os colonizadores somente a partir das primeiras décadas do século XIX. Desde então o termo “botocudo” passou a se firmar como designativo genérico desses povos, que se autodenominavam Borum. Observe-se que o termo — derivado de “botoque”, adornos labiais e auriculares de madeira — aparece ainda na literatura como designativo de outros três grupos distintos que fazem uso do artefato: o Xokleng ou Aveikoma (Botocudo de Santa Catarina), da família jê, os Kaingang, também da família jê, e os Aré ou Xetá (Botocudo dos rios Ivaí e Piquiri), da família tupi-guarani.

Em resultado de um violento processo de destruição (Marcato, 1979; Seki, 1984, 1985), os Botocudo tiveram seu número de tal modo reduzido que já em meados do presente século seriam considerados extintos (Ribeiro, 1957). Em 1973 Emmerich e Monserrat (1975) e Stout (1973) contataram no município de Itambacuri (MG) dois descendentes botocudo já idosos, dos quais não puderam obter mais que amostras extremamente fragmentárias da língua.

No entanto os Botocudo ainda sobrevivem e, com eles, a sua língua, embora esta se encontre mais que nunca ameaçada de extinção. Atualmente são conhecidos com o nome de Krenak, mas, além de descendentes deste, incluem também representantes de outros subgrupos botocudo, principalmente dos Nakrehé, Gut-Krak, Munhãjirum (Seki, 1981). A comunidade botocudo apresenta um alto de grau de miscigenação e acha-se dispersa, com um núcleo principal localizado às margens do rio Doce, no antigo PI Guido Marlière. Todos falam português típico da região rural e apenas uns dois ou três idosos revelam traços da língua materna ao falar o português. Dentre aqueles de que temos notícia, menos de 15 adultos ainda mantêm, em diferentes graus, um melhor conhecimento da língua materna.

Em 1980-1982 realizamos várias visitas aos representantes botocudo em Minas Gerais (Fazenda Guarani e Aldeia Krenak do rio Doce) e em São Paulo (PI Vanuíre) com o objetivo principal de documentar a língua que chamam Krenak ou Nakrehé. Com base nos dados que então coletamos com quatro falantes nativos, efetuamos uma descrição preliminar da estrutura fonológica e gramatical da língua (Seki, 1985), procedendo, paralelamente, ao levantamento das fontes lingüísticas referentes ao Botocudo. Resultados desse levantamento, acrescidos de dados obtidos posteriormente, são apresentados neste trabalho.

Não é esta a primeira compilação de documentos lingüísticos do Botocudo. Em 1863 Von Martius reuniu 7 vocabulários conhecidos até então, entre os quais uma lista que ele e Spix coletaram. Loukotka (1955) compilou as fontes de dados lingüísticos do Botocudo disponíveis até cerca de 1950, sem apresentar uma análise individual das fontes, mas utilizando-as para tentar estabelecer “um esboço da fonologia e da gramática da língua”. Mais recentemente, Emmerich e Monserrat (1975) analisaram 28 vocabulários, incluindo duas listas que coletaram em Itambacuri, com o objetivo de depreenderem a estrutura fonêmica da língua e estabelecer eventuais diferenças dialetais.

Embora o presente trabalho inclua materiais inéditos, não mencionados em compilações anteriores, não houve de nossa parte preocupação com originalidade, mas

com uma maior abrangência, ou seja, nele procuramos informar sobre todas as fontes de dados lingüísticos referentes ao Botocudo que nos foi possível localizar e analisar⁵. Incluímos também informações sobre algumas fontes que não foi possível examinar por serem de difícil acesso ou de localização atualmente desconhecida por nós.

Numa situação em que quase a totalidade dos outrora numerosos grupos botocudo desapareceu completamente e em que, na variante ainda falada atualmente, se faz sentir a redução cada vez maior de suas funções, os documentos lingüísticos referentes a vários grupos botocudo e produzidos no decorrer do tempo, não obstante suas muitas deficiências, constituem a única fonte para o estudo histórico da língua e podem também contribuir para um melhor conhecimento da variante existente. Por sua vez, o conhecimento de uma língua botocudo obtido diretamente do contato com falantes nativos abre uma nova perspectiva para a abordagem e compreensão desses materiais (Araújo, 1992), principalmente levando-se em conta a ausência de diferenças consideráveis entre os dialetos (ver adiante). Assim sendo, julgamos ser de validade mais esta tentativa no sentido de organizar as fontes lingüísticas do Botocudo e, desse modo, facilitar sua utilização.

2. MATERIAIS LINGÜÍSTICOS DO BOTOCUDO

2.1. Considerações gerais

Ao contrário do que ocorreu com línguas tupi, já documentadas desde a primeira metade do século XVI, os primeiros materiais lingüísticos referentes ao Botocudo foram produzidos somente em 1816, em resultado da visita do príncipe Wied-Neuwied aos índios do rio Jequitinhonha (Wied, 1940). Desde então até bem recentemente uma quantidade razoável de materiais sobre a língua botocudo foi produzida por um grupo muito diversificado de pessoas que por um ou outro motivo tiveram contacto com os falantes e se interessaram por sua língua. Eram pessoas de diferentes nacionalidades e que tinham as mais variadas ocupações, contando-se entre eles naturalistas, geógrafos, engenheiros, religiosos, etnólogos, funcionários a serviço do governo, militares, lingüistas e até um farmacêutico. Compreende-se, pois, que os materiais por eles coletados muito variem quanto ao valor e se encontrem extremamente dispersos.

Dentre as fontes lingüísticas do Botocudo não há nenhuma descrição completa da gramática da língua. A quase totalidade dos materiais consiste de listas vocabulares de extensão variável, contendo, algumas vezes, umas poucas frases. Essa falha no estudo não só do Botocudo, mas também de outras línguas indígenas brasileiras, conforme observado por Mattoso Câmara Jr. (1965), se explica em parte pelo interesse secundário

⁵ Vale observar que toda a pesquisa relativa ao Botocudo/Krenak foi inteiramente feita com recursos próprios, o que nos impossibilitou efetuar o levantamento de fontes em outros locais (instituições em cidades de Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, entre outras). Somente em 2001, com o financiamento da FAPESP e FAEP, pudemos realizar uma viagem à Rússia para a participação no X Congresso da Federação Internacional de Estudos da América Latina e Caribe (FIEALC), em Moscou, e para uma breve estadia em São Petersburgo (Leningrado) para consulta a materiais de H. H. Manizer conservados no Museu de Antropologia e Etnografia Pedro o Grande (Kunstkamera).

dos estudiosos pela língua, considerada apenas como um meio de atingir objetivos não-lingüísticos, ligados à ocupação primordial de cada um. É importante também considerar que em regra esses estudiosos, principalmente do século XIX, não tinham formação lingüística especial e abordavam a língua sob um prisma etnocentrista, tentando nela encontrar as mesmas características de línguas indo-européias e, sem consegui-lo, limitavam-se à organização de listas vocabulares. Assim, muitos deles, não obstante o seu interesse direto pela língua e o contacto prolongado com os falantes não puderam chegar à descrição da estrutura fonológica e/ou gramatical. Parecem-nos significativas a esse respeito as considerações um tanto amargas que Marlière, um dos principais estudiosos do Botocudo, apresenta na introdução ao seu trabalho “Idiomas ou línguas dos índios. Línguas botocudo”. Lamentando não poder “descobrir a chave”, i.e., “estabelecer um sistema” para as línguas indígenas, Marlière acrescenta: “ajuntei vocabulários, amontoei nomes de homens, árvores, animais, pássaros mas para organizar um discurso e os distribuir no seu lugar, perco-me: tudo à falta de hum índio sciente de outra qualquer língua dos civilizados, e da sua, para servir-me de piloto” (Marlière, 1905, p. 544). Do mesmo modo que Marlière, também o príncipe Wied-Neuwied explica a dificuldade em sistematizar a gramática botocudo pela impossibilidade de obter dos falantes explicações satisfatórias sobre a estrutura da língua (Wied, 1940).

Somente no século XX os Botocudo seriam contatados por lingüistas profissionais ou por pessoas que tinham à sua disposição uma técnica específica para a abordagem da língua. O etnólogo russo H. H. Manizer antes de visitar, em 1919, os Botocudo do rio Doce, obteve formação lingüística com B. de Courternay (lingüística teórica) e L. V. Tschërba (fonética geral e experimental), estando, portanto, mais bem aparelhado que seus predecessores para o estudo da língua. De fato, as informações disponíveis sobre a obra de Manizer levam a concluir que ela contém dados extremamente valiosos sobre a língua botocudo, inclusive 13 textos e 10 canções. Infelizmente Manizer perdeu a vida muito cedo, pouco tempo depois de encerrar sua estadia de seis meses no rio Doce e antes que tivesse podido elaborar os materiais que aqui coletou (Schprintsin, 1961). Apenas recentemente esses textos foram publicados (Sebestyén, 1981).

Dentre os lingüistas que sucederam a Manizer, destaca-se o trabalho do professor Mansur Guérios (1944), o qual não se restringiu, como os demais, à confecção de uma simples lista vocabular, mas orientou sua coleta de dados para a estrutura gramatical da língua. Seus materiais, que infelizmente não elaborou, permitem, assim, obter informações sobre fatos gramaticais como tempo, aspecto, marcadores de pessoa, tipos de orações, entre outros.

2.2. Tentativas de sistematização da estrutura da língua

Conforme mencionado, os materiais lingüísticos do Botocudo não incluem nenhuma descrição da estrutura gramatical. As poucas tentativas no sentido de sistematização gramatical consistem de observações extremamente fragmentárias sobre certos aspectos da língua, incluindo listas de alguns advérbios, demonstrativos, numerais etc. Três dessas tentativas são do século XIX: a de Goetling (in Wied, 1940), que teve à sua disposição um falante botocudo levado por Wied à Alemanha; a de Ehrenreich (1887), que se utilizou dos

próprios dados, considerando ainda os de outros estudiosos, e a de Müller (1888), feita com base nos materiais de Ehrenreich. Além de observações sobre a gramática, o trabalho de Ehrenreich inclui também um apanhado dos sons da língua. No século XX tivemos a tentativa de Loukotka (1955) e os trabalhos de Seki (cf. Bibliografia) sobre fonologia e gramática. No âmbito da fonologia, além do já mencionado trabalho de Emmerich e Monserrat (1975), temos o de Silva (1986), que dedica especial atenção a aspectos fonéticos da língua.

2.3. Textos e frases

A presença de textos narrativos nas fontes é muito importante dada a dificuldade em obtê-los dos falantes atuais (nossos textos consistem principalmente de “cartas faladas”). No entanto, só foram incluídos em duas delas. A maior quantidade e uma apresentação adequada encontram-se nos materiais de Manizer: 13 pequenos textos com tradução por frases e por morfemas (Schprintsin, 1961). Silveira (1922) transcreve um pequeno texto e um diálogo, e Rudolph (1909) apresenta inúmeras frases e um longo diálogo ao final de seu vocabulário. Frases são encontradas em Mansur Guérios (1944), Baêta (1924), nos dados da autora e, bem mais modestamente, em outros poucos vocabulários.

2.4. Vocabulários

Dentre os documentos lingüísticos do Botocudo que reunimos ou de que temos notícias, contam-se 58 vocabulários ou listas de palavras (o número será bem maior se forem incluídos os casos de cópias e reproduções) com volume variável entre 10 e pouco mais de 3 mil itens. Apresenta-se a seguir uma tentativa de caracterização geral desses materiais.

2.4.1. Transcrição/grafia

Em apenas uns poucos vocabulários produzidos já no século XX, salvo raras exceções, por lingüistas, foi utilizado algum tipo de transcrição fonética (Manizer, 1915; Baêta, 1924; Nimuendaju, 1939; Mansur Guérios, 1944; Bridgeman, 1958; Emmerich e Monserrat, 1973; Stout, 1973; Seki, 1982). Nos demais, os termos botocudo foram anotados basicamente por meio dos sinais gráficos da língua de cada coletor, por via de regra alemão, francês e português, complementados, por vezes, com sinais correntes em línguas européias conhecidas, caso em que vem indicado o nome da língua. É freqüente também a inclusão de sinais diacríticos, cujo valor nem sempre é explicitado, e de observações impressionísticas sobre os sons, por exemplo, *ã* soa como *e*, ou entre *a* e *e*.

O conhecimento da língua krenak e também das dificuldades que ela coloca mesmo a lingüistas profissionais faz supor que a maioria das fontes nos dá uma representação bastante simplificada e, por vezes, deformada da realidade fonética do Botocudo, seja devido a deficiências na transcrição, seja devido a problemas de percepção por parte do coletor. Há em Krenak uma série de nasais surdas cuja presença é bastante rara nas línguas do mundo. O Krenak inclui também segmentos pré e pós-nasalizados com ambos

os segmentos vozeados ou surdos, com casos de vozeamento parcial dos elementos oclusivos e apresenta uma grande variação na produção dos vocóides, bem como alternâncias entre sons consonantais em certos contextos (Seki, 1985). Considerando-se que as diferenças dialetais eram reduzidas, é de se esperar que pelo menos alguns dialetos apresentassem sistemas semelhantes no todo ou em parte. De fato, há evidências nos dados de alguns vocabulários de que havia nasais surdas no dialeto de que tratam. Contudo, nenhum vocabulário as registra. Apenas Manizer aproximou-se bastante na percepção desses segmentos, conforme é possível verificar pela descrição de que faz deles: “No que diz respeito ao *m*, ele também se inicia com ruído de corrente de ar que sai pelo nariz e produz impressão auditiva de *xm*” (Schprintsin, 1961, p. 103). Os segmentos pós-nasalizados vozeados constam raramente dos registros e sua presença ou ausência não pode ser simplesmente imputada a diferenças dialetais. Em 1973, com uma diferença de tempo inferior a três meses, Emmerich e Monserrat e Stout coletaram dados de uma mesma falante botocudo, e as pós-nasalizadas constam somente dos registros feitos por Stout.

2.4.2. Conteúdo

Os vocabulários registram o termo botocudo e seu equivalente em uma língua européia que varia conforme a nacionalidade e/ou conhecimento do coletor. Há somente dois casos de existência concomitante do vocabulário inverso: Rudolph (1909) e Silveira (1922).

Há listas (as de Nimuendaju, por exemplo) organizadas segundo vocabulário-padrão dos etnólogos alemães do século XIX, e outras (Baêta, 1924; Bridgeman, 1958) que seguem vocabulários-padrão organizados por lingüistas, como o “Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras”, Museu Nacional, 1960.

Em alguns vocabulários há o registro de formas complexas (locuções e frases) do Botocudo como equivalentes a termos simples da língua de tradução. Rudolph (1909), por exemplo, anotou *tschon aku* como “queimar”, quando na realidade o que se tem é “você queima/acende o pau”. No vocabulário naknanuk (Anônimo 2, s/d) encontramos *kon-mek-mek* como equivalente a “curto”, que de fato corresponde a “isso é curto”. Tais registros se devem ao desconhecimento da estrutura gramatical e morfológica da língua. Ao contrário de línguas européias, em Botocudo, como em outras línguas indígenas, o verbo transitivo, intransitivo e o descritivo ou os nomes de uma certa classe (obrigatoriamente possuídos) nunca ocorrem isoladamente, mas vêm sempre precedidos do respectivo objeto, sujeito ou possuidor. É natural, portanto, que quando solicitados a fornecer o equivalente a itens desse tipo os falantes fornecessem a estrutura complexa em Botocudo, o que passava despercebido do coletor, já que este não procedia à análise morfológica e/ou gramatical das formas. Na utilização dos materiais por outros pesquisadores tais fatos podem induzir a enganos. Por outro lado, essa mesma falha pode resultar positiva, pois, se devidamente analisadas, as formas complexas representam informação suplementar sobre a língua.

2.4.3. Modo de coleta

A coleta de dados não raro foi feita por meio de intérpretes que não eram falantes nativos de Botocudo. O príncipe Wied-Neuwied percebeu os inconvenientes desse procedimento e aconselhava ao estudioso coletar os vocabulários com base na pronúncia de um falante nativo “pois se os recolhe de uma terceira pessoa pertencente a outra nação, escreve-los-á inexatamente [...], os vocábulos botocudo que eu escrevia pela pronúncia dos portugueses eram incorretos, porque esses fazem sempre ouvir no fim das palavras um som que se aproxima do *i*” (Wied, 1940, p. 547).

Um outro fato a assinalar é que a coleta parece ter sido feita muitas vezes através da indicação de objetos ou situações concretas, o que nem sempre era bem compreendido pelo falante nativo, resultando em enganos. Acredito ser este, por exemplo, o caso das formas *krenkat* “pele da cabeça”, anotado como “pele”, ou de *ahep* “você se sentou”, dado como “descansar” (Rudolph, 1909). Conforme já se observou, muitos enganos desse tipo podem ser esclarecidos através do conhecimento do Krenak/Nakrehé e de uma análise do próprio material.

2.4.4. A questão dos dialetos

As fontes históricas mencionam freqüentemente a mútua inteligibilidade entre os vários grupos botocudo ou notam a ausência de diferenças lingüísticas “consideráveis” entre os dialetos, sem, contudo, explicitar quais seriam essas diferenças no nível fonológico, gramatical ou lexical. O único meio de determinar a natureza dessas diferenças é através da análise dos materiais disponíveis, e a viabilidade de tal estudo é comprovada pelo trabalho de Emmerich e Monserrat (1975), com referência à fonologia. Atualmente as condições para análise e aproveitamento das fontes lingüísticas são mais favoráveis, dada a existência de informações sobre a estrutura de uma língua botocudo viva — o Krenak/Nakrehé. Persistem, no entanto, várias dificuldades na utilização dessas fontes.

O fato de não existirem maiores diferenças ente os dialetos botocudo implica a maior importância da focalização de detalhes. Porém, conforme observado, a transcrição dos dados é geralmente imprecisa e, no que diz respeito à gramática, os dados referentes a qualquer língua botocudo, à exceção do Krenak/Nakrehé, são muito exíguos, assim como o são também alguns vocabulários. Por outro lado, muitos documentos não contêm indicações sobre o grupo ou sobre a data em que foi feita a coleta, e nem sempre há informações sobre os critérios que levaram alguns estudiosos a incluir diferentes denominações grupais sobre um mesmo título, não ficando claro se o fizeram por tratar-se de uma mesma variante dialetal ou se porque as diferenças não parecem importantes aos autores.

Das inúmeras denominações atribuídas a grupos botocudo, quase 20 estão representadas nos vocabulários, conforme resumo no Quadro 1, adiante. Considerando-se os casos em que o vocabulário é identificado como sendo relativo a um único grupo, temos duas situações:

- a) Documentos referentes a um mesmo grupo, produzidos por um mesmo estudioso em uma mesma época. É o que ocorre com os materiais de Manizer sobre o Krenak

e o Nakrehé, e os Nimuendaju, sobre o Araná, Nakrehé, Nakpie, Munhãjirum e Naknanuk, configurando uma situação bastante propícia para a comparação entre os dados, principalmente considerando-se a boa qualidade das transcrições feitas por ambos. Infelizmente os documentos produzidos por Manizer são ainda inacessíveis, e os de Nimuendaju são somente listas, algumas bem reduzidas.

- b) Materiais referentes a um mesmo grupo, produzidos por diferentes estudiosos em uma mesma época ou em épocas distintas (cf. Quadro 1), cuja análise permitiria acompanhar, ainda que em linhas bem gerais devido às divergências de registro, as mudanças ocorridas na língua (ou nos dialetos) e, talvez, esclarecer questões relacionadas à morte de línguas.

Temos ainda casos de vocabulários referentes a mais de uma denominação grupal e que vêm indicado na segunda parte do Quadro 1. Os demais vocabulários vêm incluídos na relação geral de materiais lingüísticos do Botocudo que acompanha esta introdução, na qual se apresenta uma breve descrição deles.

Obviamente, diferentes denominações não implicam necessariamente diferentes dialetos. Como se sabe, uma característica dos Botocudo era a sua fragmentação em pequenos grupos, cada um dos quais tinha sua própria denominação. Por outro lado, um mesmo grupo podia receber denominações diferentes dependendo do local onde aparecia. Tampouco o local de coleta é um critério adequado, principalmente se consideramos que, com o avanço do colonizador, os Botocudo se viam obrigados a uma mobilidade cada vez maior. Em períodos mais recentes, à proporção em que seu número se reduzia, representantes de diversos grupos eram reunidos em um mesmo local. No PI Pancas, por exemplo, Manizer encontrou representantes de Munhajurum, Gut-krak, Nakrehé e Jiporok (Schprintsin, 1961).

Cumprir lembrar que, a partir de certo momento, os remanescentes botocudo passaram a ser conhecidos com o nome de Krenak e, não obstante alguns se identifiquem como pertencentes a outros subgrupos, todos parecem aceitar em linhas gerais essa denominação (Seki, 1981). Não é improvável que semelhante generalização tenha ocorrido em alguns dos materiais sob o título de Krenak.

As listas vocabulares do Botocudo de que temos notícia vêm sistematizadas no Quadro 1, em que também são incluídas indicações sobre os respectivos autores, datas, locais de coleta e conteúdo. Nas situações em que a data de coleta não era conhecida, indicamos a data de publicação do trabalho. No que se refere ao conteúdo, o simples número não acompanhado de especificação refere-se a itens vocabulares.

Outros materiais lingüísticos sobre o Botocudo são dados na Bibliografia.

Quadro 1

Grupo	Autor	Data da coleta	Local	Conteúdo
Araná	Nimuendaju	1939	Itambacuri	46
Bakuen	Cathoud	1936	Imburana	60
Gueren	Schott	1815-1817	Oliveira (BA)	24
	Etienne	1909		27
Gut-Krak	Knoche	1913	Colatina	37
Jiporok	Barbosa d'Almeida	1845	Mucuri	43
Krakmun	Wied	1816	Jequitinhonha	459
	Saint-Hilaire	1920 aprox.	São Miguel	40
	Marlière	1833	Rio Doce	775
	Jomard	1847 (publ.)	Paris	125
	Martius	1863		425 ⁶
	Figueiredo	1939 (publ.)		10
Krenak	Estigarribia	1912	Rio Doce	220
	Manizer	1915	PI Pancas (ES)	723 fichas ⁷
	Simões da Silva	1918	Rio Doce, entre MG e ES	165
	Froes de Abreu	1926	Rio Doce	178
	Mansur Guérios	1944	A. Krenak	660 + frases
	Bridgeman Seki	1958 1980-1982	PI Vanuíre F. Guarani; rio Doce; PI Vanuíre	350 900 aprox. + frases
Munhãjirum	Nimuendaju	1939	PI Pancas	37
Naknanuk	Anônimo 1	s/d	não indicado	344
	Anônimo 2	s/d	não indicado	205 + 29 frases
	Renault	1836	Mucuri	275
	França Rudolph (?)	1882 1909	Ald. Mutum Região de T. Otoni	98 + 8 frases 3.290 + 336 frases
Naknanuk (Poten)	Nimuendaju	1939	Itambacuri	245
	Emmerich e Monserrat	1973	Itambacuri	153
	Stout	1973	Itambacuri	169 e frases

⁶ O número se refere à lista 1 de Martius, a qual, conforme mencionado, engloba dados de Marlière, Von Eschwege, Wied e Martius e Spix.

⁷ As fontes informam sobre a existência de 273 fichas sem especificar o número de itens referentes ao Krenak e ao Nakrehé.

Nak-Nhaphmã	Monteiro	1898-1899	Rio Mutum e Pancas	1.153 + 34 frases
Nakpie	Nimuendaju	1939	PI Guido Marlière	37
Nakrehé	Manizer	1915	PI Pancas	723 ⁸
	Nimuendaju	1939	PI Guido Marlière	357
	Mansur Guérios	1944	PI Guido Marlière	95
	Bridgeman	1958	PI Vanuíre	350
Pojichá	Silveira	1922 (publ.)		192 + diálogos
	Emmerich e Monserrat	1973	Itambacuri	211
Pojichá Araná Potão	Anônimo	1882	não indicado	66
Krakmum e outros	Baêta	1924	Cons. Lafayette	vários
Krakmum Pejaurun Naknanuk	Marlière	1833	Vertentes dos rios Doce e Jequitinhonha	775

2. BIBLIOGRAFIA DA LÍNGUA BOTOCUDO⁹

A bibliografia que segue, além das listas vocabulares, inclui outros materiais lingüísticos do Botocudo.

ANÔNIMO. (1825) Nomes da língua botocuda de vários lugares. *O Universal*, nº 62, 7/12. Ouro Preto. Contém nomes de localidades com traduções.

ANÔNIMO. (1882) Vocabulário dos Botocudos da Província de Minas Gerais, tribos Pogichá, Aranhã e Potão. *Revista da Exposição Antropológica Brasileira*, p. 13*.
Sem indicação de data e local da coleta. Vocabulário português-botocudo com 66 itens não-ordenados alfabeticamente. Grafia não-uniforme, basicamente portuguesa, com alguns sinais complementares.

ANÔNIMO 1. (s/d) *Vocabulário naknanuk*. Manuscrito 136. Rio de Janeiro, Museu Nacional¹⁰*.
Sem indicação de data e local da coleta. Vocabulário português-naknanuk com 344 itens ordenados alfabeticamente em sua quase totalidade. Grafia basicamente portuguesa, com freqüentes observações sobre a pronúncia, muitas vezes remetendo ao valor dos sinais em outras línguas.

⁸ Ver nota anterior.

⁹ Outras obras mencionadas ou consultadas aparecem na "Bibliografia geral". Em ambas são usadas as seguintes abreviações: *R.I.H.G.* — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico* e *R.A.P.M.* — *Revista do Arquivo Público Mineiro*.

¹⁰ Em meus arquivos há cópias dos manuscritos assinalados com *.

- ANÔNIMO 2. (s/d) *Vocabulário naknanuk*. Manuscrito 136. Rio de Janeiro, Museu Nacional*.
Sem indicação de data e local de coleta. Vocabulário português-naknanuk com 205 itens lexicais não-ordenados alfabeticamente e 29 frases soltas. A grafia utilizada é basicamente a portuguesa, com sinais complementares que incluem vários diacríticos não-explicados.
- ANÔNIMO 3. (s/d) *Vocabulário pojixta*. Manuscrito. Rio de Janeiro, Serviço de Proteção aos Índios. O vocabulário é mencionado por Loukotka (1955), que informa não ter tido acesso ao ele. Não nos foi possível localizá-lo.
- ARAÚJO, Benedita Aparecida Chavedar. (1992) *Análise do Wörterbuch der Botokudensprache*. Dissertação de Mestrado. Campinas, Departamento de Linguística-UNICAMP.
A autora sistematiza os dados do vocabulário e analisa a grafia utilizada por Rudolph, utilizando como controle outras listas de palavras do subgrupo naknanuk, bem como documentos disponíveis e gravações magnetofônicas sobre a língua krenak/nakrehé, ainda falada atualmente.
- BAÊTA, Waldemar Alves. (1924) *Manuscritos inéditos*. Rio de Janeiro, Museu Nacional*.
O autor, engenheiro de minas e civil e lingüista autodidata, realizou trabalho de campo em 1924, nas cabeceiras do rio Doce, com um casal de índios semicivilizados, sendo o rapaz do grupo craqemu e a moça do grupo pojitcha. Os materiais lingüísticos de Baêta consistem de:
- “Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras. Questionário”, em que Baêta inclui uma lenda e dois diálogos, um dos quais transcrito de Silveira (1922). O “Formulário” é acompanhado de dois conjuntos de notas — um contendo esclarecimentos de natureza lingüística e não-lingüística sobre certos itens do questionário e o outro contendo informação sobre o autor, os materiais consultados, os sons da língua e a convenção fonética utilizada.
 - “Amerindian non-cultural vocabulary” de Swadesh.
 - “Vocabulário esquemático de Loukotka”, seguido de breves informações sobre a língua e de 11 frases.
- Os materiais botocudo são apresentados em grafia portuguesa e também na grafia fonética proposta por Câmara Jr. Não obstante todos esses cuidados, o autor não especifica em cada caso qual foi o dialeto registrado. Vale notar que, ao lado de estruturas que concordam tipologicamente com aquelas observadas em Krenak/Nakrehé (genitivo + nome, nome + qualificativo, nome + posição, sujeito + objeto + verbo), nos materiais de Baêta se encontram estruturas em que a ordem dos constituintes é oposta.
- BALBI, Adrien. (1826) *Atlas ethnographique du globe, ou classification des peuples anciens et modernes d’apres leurs langues*. Paris.
Contém pequena lista de palavras referentes ao Krakmun, segundo Loukotka (1955). Ver Keane (1884) para uma reprodução da lista.
- BARBOSA D’ALMEIDA, Hermenegildo Antônio. (1846) *Viagem as villas de Caravellas, Viçosa, Porto Alegre, Mucury, e aos rios Mucury e Peruhipe*. *R.I.H.G. Brasileiro*, t. 8, pp. 451-452*.
Apresenta uma lista de 43 itens botocudo ordenados alfabeticamente, com tradução ao português e transcrito com grafia basicamente portuguesa. Os dados foram coletados entre os índios das brenhas do Mucuri liderados pelo capitão Goporoco. À exceção de 5 ou 6 itens, a lista é idêntica à de Renault.
- BRIDGEMAN, Loraine. (1958) *Questionário de material lingüístico para o Arquivo de Línguas Vivas. Língua krenak — Nakrehé*. Summer Institute of Linguistics. Manuscrito inédito. Rio de Janeiro, Museu Nacional*.
A autora, lingüista do Summer Institute of Linguistics, coletou os dados em 1958, no PI Vanuíre (SP), de dois falantes de Nakrehé, sendo um deles falante nativo de Maxakali. Os manuscritos incluem (1) o *Questionário de material lingüístico para o Arquivo de Línguas Vivas*, com 356 itens entre palavras, locuções e frases, preenchidos com os dois informantes ou com um deles e

(2) o “American non-cultural vocabulary”, com 253 itens (alguns sem correspondente botocudo), preenchidos com cada um dos mencionados informantes.

CASTELNAU, Francis de. (1852) *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud T. V. Histoire de Voyage*. Paris, pp. 249-261*.

Contém em apêndice dois vocabulários da língua botocudo, coletados por Renault, 1836.

CATHOUD, Arnaldo. (1936) Os Bacuêns de Imburana e a destruição das matas do valle do Jequitinhonha. *Boletim do Museu Nacional*, t. 12 (3):129-131. Rio de Janeiro*.

O autor refere-se à existência de um pequeno núcleo de “Bacuêns em Imburana, ao norte do município de Teófilo Otoni e ao sul de Jequitinhonha, com cerca de 150 indivíduos” e fornece um vocabulário bakuen-português com 60 itens ordenados alfabeticamente e transcritos com grafia basicamente portuguesa. Trata-se do único registro explícito de dados do grupo bakuen.

EHRENREICH, Paul. (1887) Üeber die Botokodos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo und Minas Geraes. *Zeitschrift für Ethnologie*, t. 19, pp. 39-61*.

O autor analisou seus próprios dados, que coletou entre os Botocudos do rio Doce, em 1884-1885, e os dados de outros vocabulários, transcrevendo-os em seu trabalho com um alfabeto fonético comum, indicando a fonte em cada caso. O trabalho inclui um apanhado dos sons, um esboço de gramática e um vocabulário latim-botocudo com 590 itens ordenados alfabeticamente e 10 frases.

EMMERICH, Charlotte; MONSERRAT, Ruth. (1973) *Vocabulário botocudo*. Manuscrito inédito*.

Em 1973 as autoras, lingüistas profissionais do Museu Nacional, localizaram três remanescentes botocudo em Itambacuri (MG), de dois dos quais obtiveram os materiais lingüísticos: (1) uma lista de 153 itens entre palavras e frases, em transcrição fonética, tomados a Zeferina da Rocha Potén. Devido à idade muito avançada da informante, explica-se a ausência da tradução para vários itens, bem como algumas traduções duvidosas a nosso ver; (2) uma lista de 112 itens, transcritos foneticamente e traduzidos para o português, obtidos de Zé Pereira (Pojichá); (3) uma lista de 99 itens, escritos e enviados posteriormente às pesquisadoras por Zé Pereira, um dos três mencionados remanescentes.

EMMERICH, Charlotte; MONSERRAT, Ruth. (1975) Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. Notas lingüísticas. *Boletim do Museu do Índio (Antropologia)*, nº 3. Rio de Janeiro*.

Com base no exame de dados lingüísticos constantes em 28 vocabulários botocudo, inclusive duas listas que elas próprias coletaram, as autoras postulam uma estrutura fonêmica para a língua com hipóteses sobre possíveis diferenças dialetais.

ESTIGARRIBIA, Antonio. (1934) Trecho de um relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios, no ano de 1912 relativamente aos índios do rio Doce. *R.I.H.G. do Espírito Santo*, t. 7, pp. 20-52. Vitória*.

O trabalho inclui três vocabulários: (1) “Vocabulário dos índios crenacs”, com 220 itens não-ordenados alfabeticamente, traduzidos em português e anotados com grafia portuguesa; (2) “Vocabulários dos Botocudos da Província de Minas Gerais — Tribus Pogichá Aranã e Potua”, que é uma reprodução de Anônimo (1882), com acréscimo de cinco itens e três variantes; e (3) “Vocabulário dos Botocudos do aldeamento do Mutum” — uma reprodução do vocabulário de França Leite (1882) com dois acréscimos e alterações na grafia de vários itens.

ETIENNE, Ignace. (1909) Les Borun (Note sur une tribu indienne disparue). *Anthropos*, t. 4, pp. 942-944. Mödling-Wien*.

Inclui uma lista de 27 itens coletados na Vila Indígena de Olivença a um “borum de 108 anos”. De fato, apenas 3 itens se reconhecem de imediato como Botocudo. Conforme observado por Loukotka (1955), a lista “est en réalité um melange bigarré des mots em langues Tupi, Patašo et autres”.

- FELDNER, Wilh. Christ. Gotthelf. (1828) *Reisen durch mehrere Provinzen Brasiliens; aus seinen nachgelassenen Papieren*. "Reisebemerkungen". Leignitz (sic), E. D'Oench. vol. II.
Feldner descreve as viagens feitas ao Rio Grande do Sul, Porto Seguro e Bahia e inclui, entre outros materiais, um vocabulário botocudo (apud Borba de Moraes, 1983).
- FIGUEIREDO, Lima. (1939) *Índios do Brasil*. São Paulo: José Olympio, p. 189*.
No capítulo sobre os Botocudo, o autor reproduz observações ingênuas de Mello Moraes Filho sobre a língua e apresenta uma lista de dez itens lexicais do Krekmun.
- FRANÇA LEITE. (1882) Vocabulário dos Botocudos do aldeamento do Mutum. *Revista de Exposição Antropológica Brasileira*, pp. 19-20. Rio de Janeiro*.
Inclui um vocabulário botocudo-português com 98 itens lexicais, não-ordenados alfabeticamente e 8 frases, provavelmente do grupo naknanuk, anotados com grafia portuguesa.
- FROES DE ABREU, Sylvio. (1929) Os índios crenaques (Botocudos do rio Doce) em 1926. *Revista do Museu Paulista*, t. 16, pp. 569-602. São Paulo*.
Contém um vocabulário português-krenak com 178 itens ordenados alfabeticamente, seguido de uma relação de 34 palavras do português, transcritas conforme pronúncia dos índios. Os dados, coletados durante uma estadia do autor entre os índios, vêm anotados com grafia basicamente portuguesa.
- HARTT, Charles Frederick. (s/d) *Vocabulário botocudo*. Manuscrito. Biblioteca Nacional (CEHB-1/32, 12, 7, nº 11.5050)*.
Encontramos duas versões do vocabulário de Hartt (ver também Paula Martins, 1958): uma, inglês-botocudo, consiste de 33 folhas escritas à mão, com inúmeros adendos e correções e a outra, português-ínglês-botocudo, datilografada. O vocabulário contém 425 itens lexicais e 44 frases transcritas por meio de alfabeto fonético próprio, coletados de um jovem botocudo em São Mateus. Observa-se a identidade de vários itens assinalados e das respectivas observações fonéticas com aqueles constantes no vocabulário de Wied-Neuwied (1940).
- JOMARD, M. (1847) Notícias sobre os Botocudos, acompanhada de um vocabulário de seu idioma e de algumas informações. *R.I.H.G. Brasileiro*, t. IX, pp. 107-113. Rio de Janeiro*.
Jomard, encarregado de examinar dois jovens botocudo levados a Paris por Marcus Porte, reproduz o vocabulário deste (Porte, 1846), fazendo-o preceder por uma breve introdução, em que transcreve opinião de Wied-Neuwied sobre a língua.
- KEANE, A. N. (1884) On the Botocudos. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, t. 13, pp. 199-213. London*.
Contém à página 210 uma pequena lista de 15 termos naknanuk, segundo Loukotka (1955), apresentada em comparação com 10 itens de Balbi (1826), e de Jomard, (1847).
- KNOCHE, Walter. (1913) Einige Bermerkungen über die Uti-krag am rio Doce, Espírito Santo. *Zeitschrift für Ethnologie*, t. 45, pp. 394-399, Berlin. Versão em espanhol — Algunas indicaciones sobre los Uti-Krag del rio Roce — Espírito Santo. *Revista Chilena de Historia y Geografía*, t. 5, pp. 230-240. Santiago de Chile*.
O autor adverte ter pouco conhecimento sobre esse "interessante povinho". Inclui uma relação de 27 itens transcritos com grafia francesa e uma lista de 10 nomes próprios, coletados entre os Uti-Krag que encontrou em Colatina, quando eles se dirigiam ao PI Pancas.
- LANGSDORF, Grígorií Ivanovitch. (1814) Carta de 30 de maio de 1814, dirigida à Conferência da Academia de Ciências. Manuscrito. Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética*.
Parte da carta foi reproduzida em Manizer (1948). Contém uma lista de 30 palavras do Botocudo, que o autor diz ter coletado com dificuldade. Conforme observado por Manizer (1948), na lista "há equívocos evidentes e a transcrição muito deformou o aspecto das palavras" (p. 32).

LOUKOTKA, Èestmir. (1955) Les indiens botocudo et leur langue. *Lingua Posnaniensis*, t. V, pp. 112-135*.

O autor computou abundante literatura etnológica e fontes lingüísticas disponíveis até 1950, estas referentes a 13 grupos botocudo. Com bases nesses materiais, tenta identificar os diversos grupos botocudos, bem como determinar sua localização, e busca ainda depreender as características fonéticas e gramaticais da língua. Há no trabalho algumas falhas, como, por exemplo, conclusões duvidosas sobre a significação de certas denominações grupais e a inclusão, na bibliografia, de Monteiro (1900), que não se refere aos Botocudos Borum e sim aos Coroados.

MANIZER, Henri Henrikovitch. (1915) *Materialy po Botokudskomü Jazyku*. Manuscritos inéditos. Arquivo do Museu de Antropologia e Etnografia (Kunstkamera) da Academia de Ciências da URSS. S. Petersburg (Leningrado).

São materiais coletados por Manizer em 1915, durante uma permanência de cinco/seis meses entre os Botocudo dos grupos krenak (rio Mutum, MG), munhãjirum, gut-krak, nakrehé e jiporok (rio Pancas, ES). O conteúdo desses e outros manuscritos de Manizer foi descrito em artigos publicados na União Soviética (ver Schprintsin, 1947, 1961, 1964; Vassilieva-Schvede, 1947; também Komissarov, 1970). Os materiais referentes ao Botocudo incluem, segundo Schprintsin: (1) dicionário-fichário com 723 fichas, cada uma contendo um morfema e exemplos ilustrativos de seu uso, bem como a identificação do grupo e do informante; (2) Vocabulário botocudo-português e português-botocudo, em que os itens botocudo são transcritos com sinais do Alfabeto Fonético Internacional e com sinais complementares, alguns extraídos do alfabeto português; (3) 14 contos (Schprintsin, 1947, menciona 13 contos e 10 canções) com tradução por linha.

MANIZER, Henri Henrikovitch. (s/d 1) *Materialy o jazykakh tchetiryriokh plemjon Brazílii: Kadiuevo, Tshane, Kaingang, Botocudo* (Materiais sobre as línguas de quatro tribos do Brasil: Kadiwéw, Txané, Kaingang, Botocudo). Manuscrito inédito. Arquivo do Museu de Antropologia e Etnografia da Academia de Ciências da URSS, S. Petersburg (Leningrado).

Trabalho apenas esboçado, contendo uma introdução e quatro capítulos com uma estrutura comum (fonética, meios gramaticais, gramática/morfologia e vocabulários), dedicados à descrição das línguas mencionadas.

MANIZER, Henri Henrikovitch. (s/d 2) *Opyt objektivno-linguisticheskogo issledovaniya po jazykam nekotorykh brasílskikh plemjon* (Tentativa de pesquisa lingüística objetiva das línguas de algumas tribos brasileiras). Manuscrito inédito. Arquivo do Museu de Antropologia e Etnografia da Academia de Ciências da URSS, S. Petersburg (Leningrado).

O trabalho contém duas partes, a primeira consistindo de uma introdução e seções sobre fonética, categorias gramaticais (morfologia) e características gerais de línguas norte-americanas, e a segunda, consistindo dos materiais descritos em Manizer (s/d 1).

MANSUR GUÉRIOS, Rosário Farani. (1944) *Botocudos do rio Doce*. Manuscrito inédito*.

Material lingüístico coletado em 1944, em trabalho de campo no PT Guido Marlière, às margens do rio Doce (MG). Contém 660 itens lexicais referentes ao Krenak e 95 referentes ao Nakrehé, transcritos em grafia fonética. Em sua maioria esses itens estão organizados em locuções e frases que permitem extrair informações sobre a estrutura gramatical da língua.

MARLIÈRE, Guido Tomás. (1825) Vocabulário da Língua dos Botocudos — Tribos chamadas de Krakmum, Pejaurun e Naknenuk das vertentes do rio Doce e Jequitinhonha. *Abelha do Itaculumí*. Ouro Preto.

Tendo trabalhado por vários anos entre os indígenas do vale do rio Pomba e do rio Doce, Marlière adquiriu o conhecimento da língua botocudo através de contacto direto com os falantes. Parte do vocabulário que organizou foi publicada no periódico regional *Abelha do Itaculumí*, ao qual não tivemos acesso. Os vocabulários botocudo de Marlière constituem um dos primeiros registros da língua e são, com freqüência, mencionados por estudiosos posteriores.

MARLIÈRE, Guido Tomás. (1853) *Vocabulário português-botocudo*. Por Guido Thomas Marlière, cavalleiro das Ordens de S. Luiz e de Christo, coronel de cavalaria do estado-maior do Exército e

ex-diretor geral dos índios da Província de Minas Gerais. Manuscritos. Biblioteca Nacional (nº 11.1.3). Rio de Janeiro*.

Trata-se de um vocabulário português-francês-botocudo em uma caderneta de 16 x 11, datada de Guidowald, 4/2/1833, e firmada por Marlière, com 775 itens ordenados alfabeticamente. Os termos botocudo foram anotados com grafia basicamente portuguesa, porém certos sons foram representados segundo a grafia francesa e espanhola.

MARLIÈRE, Guido Tomás. (1905) Idiomas ou línguas dos índios. Línguas botocudo. *R.A.P.M.*, t. X, pp. 544-549*.

O trabalho foi publicado inicialmente no jornal *Abelha do Itaculumi*, Ouro Preto, 15/2/1825, e parte dela aparece também no final do “Vocabulário português-botocudo” de Marlière (1835). Contém alguns paradigmas gramaticais (pronomes, advérbios) e pequenas listas de itens lexicais agrupados por campo semântico. São ao todo 104 itens com predominância quase absoluta de termos isolados.

MARLIÈRE, Guido Tomás. (s/d 1) *Sprachproben der Botocudos, die auch Krakmum, Pejaurun und Naknanuk genannt werden, und in der Nachbarschaft des Rio Doce und Jequitinhonha in der Prerien v. Minas Gerais wohnen*. Manuscrito. Arquivo da Academia de Ciências da URSS.

Esse vocabulário alemão-botocudo, em 12 páginas com uma coluna cada, foi encontrado entre os Documentos da Expedição de Langsdorf ao Brasil. Trata-se de uma cópia feita à mão por Langsdorf do vocabulário de Marlière (1825). A parte portuguesa deste foi traduzida para o alemão e foram acrescentadas várias observações (cf. Schprintsin, 1964).

MARLIÈRE, Guido Tomás. (s/d 2) *Vocabulário português — Botocudo*. Manuscrito inédito. Rio de Janeiro, Museu Nacional.

É um vocabulário português-francês-botocudo em folhas de papel almaço, com indicação expressa de que trata de uma cópia do manuscrito da Biblioteca Nacional. Alguns itens diferem em detalhes da transcrição e há indicações de pronúncia baseadas nas grafias inglesa e alemã.

MARLIÈRE, Guido Tomás. (s/d 3) *Vocabulaire de la langue des Botocudys (français-botocoudy)*. Manuscrito. Arquivo da Academia de Ciências da URSS, Leningrado.

O vocabulário encontra-se arquivado entre os materiais de campo da Primeira Expedição Russa ao Brasil (Langsdorf). Contém 443 itens escritos à mão em 6 folhas, frente e verso. Apenas um pequeno número desses itens coincide com os de outros vocabulários do próprio Marlière, segundo Schprintsin (1964).

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. (1969) *Beiträge zur Ethnographie und Sprachkunde Amerika's zumal Brasiliens — T. II Zur Sprachkunde. Glossaria Linguarum Brasiliensium*. Wiesbaden (reprodução fotomecânica da edição de 1867)*.

São quatro listas organizadas alfabeticamente pelo latim. A primeira, referente ao “Encreckmung, Crekmun ou Cracmun”, com 462 itens, engloba um vocabulário de Marlière, o de Von Eschwege, o de Wied-Neuwied e um coletado por Martius e Spix. A segunda lista, “Botocudo-Crekmun”, com 125 itens, é a de Jomard (1847). A terceira, “Botocudo-Nac-Nanouc vel Nac-Kgnuck”, e a quarta, “Botocudo-Djiopouroca (Jiiporocas), Botourounas et Craikmous”, são de Renault (1836), extraídas de Castelnau (1852). A transcrição dos termos botocudo obedece à grafia alemã, na primeira lista, e à grafia francesa, nas demais.

MERIAN, barão de. (1828) *Principes de l'étude comparative des langues. Suivis d'observations sur les racines de langue semitiques*, par M. Klaproth. Paris: Schubart et Heideloff.

Compara termos botocudo com outros de línguas semíticas. Os dados de Merian foram muito utilizados por Hartt (s/d) para fins de comparação com seus próprios dados.

MONTEIRO DO AMARAL, padre Claro. (1948) *Vocabulário português-botocudo*. Organização, prefácio e notas de M. de L. de Paula Martins. Boletim II, Documentação Lingüística. São Paulo, Museu Paulista*.

Os dados para o vocabulário foram colhidos pelo autor em 1898-1899, na tribo nak-nhampã, entre os rios Mutum e Pancas. Contém 1.153 verbetes, muitos com exemplos e notas explicativas, e um apêndice com 34 frases soltas. Em nota que precede o vocabulário, são dadas explicações sobre a pronúncia e a grafia, esta baseada no português e parcialmente no francês.

MORAES FILHO, Mello. (s/d) *Pátria selvagem (A floresta e a vida. Mithos amazônicos. Os escravos vermelhos)*. Rio Janeiro: H. Garnier*.

Inclui um capítulo sobre o dialeto dos Botocudo, no qual o autor apresenta cinco itens e informações impressionísticas sobre a língua.

MOREIRA E SILVA, doutor. (1919) *O homem sul americano perante a lingüística*. Memória apresentada ao XX Congresso Internacional de Americanistas. Maceió, Imprensa Oficial.

O autor compara uma série de palavras e também “formas” e “sons” em diversas línguas, inclusive o Botocudo.

MÜLLER, frei. (1888) *Grundriss der Sprachwissenschaft*, IV. Wien.

Apresenta uma tentativa de esboço da gramática do Botocudo com base nos materiais de Ehrenreich (V, pp. 190-202).

NERI, João Batista Correia. (1901) *Carta pastoral, despedindo-se da Diocese do Espírito Santo, seguida de algumas notícias sobre a Diocese*. Campinas.

Inclui um vocabulário botocudo, mencionado por Loukotka (1955) e referido com freqüência em Manizer (1915). Não nos foi possível localizá-lo.

NIMUENDAJU, Curt. (1939) Vocabulários botocudos: Nakynianuk, Arana, Nakrehé, Nakpie e Minyayirugn. *Über die Botocudo*. Manuscrito inédito. Rio de Janeiro, Museu Nacional*.

O manuscrito inclui 5 vocabulários obtidos de representantes botocudo que o autor encontrou em 1938-1939: Naknyanuk/Potén (245 itens), Araná (46 itens), Nakrehé (357 itens), Nakpie (37 itens) e Minyayirun (37 itens). Os dois primeiros vocabulários foram coletados em Itambacuri, o último, no PI Pancas e os restantes, no PI Guido Marlière*.

NIMUENDAJU, Curt. (1946) Social organization and beliefs of the Botocudos of Eastern Brazil. *Southwestern Journal Anthropology*, vol. 2, nº 2, 1. Albuquerque.

Esse estudo de cunho antropológico inclui considerações sobre o termo “Botocudo”, a interpretação de 5 nomes tribais e 25 itens vocabulares, referentes a fenômenos da natureza, parte do corpo e termos de parentesco.

PAULA MARTINS, Maria de Lourdes. (1958) Vocabulário botocudo de Charles Frederick Hartt. *Miscellanea Paul Rivet, octogenário dicata*, vol. II., XXXI Congresso Internacional de Americanistas, Universidade Nacional Autónoma de México*.

Reproduz o original do vocabulário de Hartt.

PIMENTEL, Benedito. (1945) Vocabulário colhido no Posto Guido Marlière em 1945. Manuscrito. Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Rio de Janeiro.

Loukotka (1955) menciona esse vocabulário referente ao Krenak, ao qual não teve acesso. Não nos foi possível localizá-lo.

PORTE, Marcus. (1846) Vocabulário dos Botocudos. *Bulletin de la Société de Géographie*, vol. VI. Reproduzido em *R.I.H.G. Brasileiro*, t. IX, p. 10. Rio de Janeiro (cf. Jomard, 1847)*.

É um vocabulário com 199 itens, transcritos com base na grafia francesa, obtidos de dois jovens botocudo que Porte levou a Paris.

RENAULT, Pierre Victor. (1836) Deux vocabulaires de la langue des Botocudos. In Castelnau (1852). Também em *R.I.H.G. Brasileiro*, t. XXXIV. Rio de Janeiro, 1871.

Os dois vocabulários — *Langue des Nak-Nanuks (habitants des montagnes)* e *Langue des Jüporocas, Boutourounas et Craikmouses* contêm, respectivamente, 275 e 459 itens lexicais,

traduzidos para o francês e anotados com grafia francesa. Em notas que seguem os vocabulários, há informações sobre a pronúncia e sobre alguns poucos fatos gramaticais.

RENAULT, Pierre Victor. (1903) Vocabulário da língua dos Botocudos Nacnanuks e Giporocas, habitantes das margens dos rios Mucury e Todos-os-Santos, também idêntico ao dos Kraik-mús habitantes das margens do rio Gequitinhonha. *R.A.P.M.*, ano VIII, vol. 8*.

Com 704 itens lexicais, esse vocabulário é basicamente uma reunião dos dois que foram publicados em Castelnau (1852), porém os termos botocudo foram traduzidos para o português e a grafia utilizada na transcrição destes é fundamentalmente portuguesa.

REY, Philip. (1884) Notes sur les Botocudos et sur les Purys. *Bulletin de la Société d'Anthropologie*, série 3, vol. 7, pp. 82-101. Paris.

Inclui, segundo Loukotka (1955), um pequeno vocabulário nakrehé.

RÖDER, Josef; TRIMBORN, Hermann. (1954) *Maximilian, Prinz zu Wied, Unveröffentlichte Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens*. Bonn.

A obra inclui a compilação de anotações lingüísticas feitas por Wied-Neuwied em sua *Viagem ao Brasil nos anos de 1815-1817* e também em seu *Diário*.

RUDOLPH, Bruno. (1909) *Wörterbuch der Botokudensprache*. Hamburg*.

O autor, um farmacêutico alemão, coletou os dados lingüísticos de representantes de diferentes tribos que habitavam as florestas dos rios Mucuri, Todos os Santos, São Mateus e Preto. A obra consiste de duas partes: um Vocabulário botocudo-alemão, com mais de 3 mil verbetes, muitos dos quais registram variantes de um mesmo termo, e um Vocabulário alemão-botocudo, com cerca de 1.500 verbetes. Inclui ainda 336 frases.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. (1830) *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes*.

Paris; e *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, pp. 133-134. (Brasiliana, série V, vol. 126A)*.

Contém um vocabulário português-botocudo com 40 itens, coletados pelo autor entre os índios do Jequitinhonha, por intermédio de um intérprete. A grafia dos termos botocudo é baseada na portuguesa, e há freqüentes observações impressionísticas sobre os sons.

SCHOTT, Heinrich Wilhelm. (s/d) Fragment eines Gueren-Vocabulares. In Loukotka (1955), p. 120.

A lista de Schott, um botânico integrante da expedição de Wied-Neuwied (1815-1817), contém 24 itens. Trata-se do único documento lingüístico referente ao Gueren.

SCHPRINTSIN, Noemi Grigorievna. (1961) Iz materialov po jazyku Botokudoy *Voprosy Jazykoznanija*, nº 6:101-107. Moscou*.

Descreve os materiais lingüísticos coletados por Manizer entre os Botocudos do rio Doce. Reproduz o quadro de sons e um texto, apresentando ainda algumas observações sobre o léxico da língua.

SEBESTYÉN, Eva. (1981) H. H. Manizer's folclore texts. *Artes populares*.

Reproduz 13 pequenos textos coletados por Manizer.

SEKI, Lucy. (1982) *Vocabulário krenak/nakrehé*. Manuscrito não-publicado.

Contém cerca de 900 itens transcritos foneticamente, coletados em trabalho de campo com falantes nativos residentes na Fazenda Guarani e na Aldeia Krenak, em Minas Gerais, e no PI Vanuíre, em São Paulo.

SEKI, Lucy. (1984b) Problemas no estudo de uma língua em extinção. *Boletim da ABRALIN*, nº 6, pp. 109-118. Campinas.

SEKI, Lucy. (1985) *Descrição da língua krenak/nakrehé*. Manuscrito não-publicado.

Descrição de aspectos fonéticos, fonológicos e gramaticais da língua.

- SEKI, Lucy. (1985a) A note on the last Botocudo language. *International Journal of American Linguistics*, vol. 51 (4):581-583.
 Descrição de cunho tipológico de alguns aspectos da língua krenak/nakrehé.
- SEKI, Lucy. (1986) Sintaxe da língua krenak/nakrehé. Manuscrito não-publicado.
 Contém uma descrição da sintaxe da língua.
- SEKI, Lucy. (1987) Casos de interferência do português na língua krenak.
 Trabalho apresentado no II Encontro Nacional da ANPOLL/GT Línguas Indígenas. Rio de Janeiro, UFRJ.
- SEKI, Lucy. (1987a) Aspectos da gramática botocudo.
 Manuscrito inédito.
- SEKI, Lucy. (2000) Os Krenak (Botocudo/Borum) e sua língua.
 In Luiz Miranda (org.). *Actas Del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*, t. 1, pp. 351-374. Lima.
- SEKI, Lucy. (2002) Krenak (Botocudo/Borum) e as línguas jê.
 In Ludoviko dos Santos; Ismael Pontes (org.). *Línguas jê — Estudos vários*. Londrina:EDUEL, pp. 15-40.
- SEKI, Lucy. (2004) Aspectos da morfossintaxe krenak: orações independentes. *LIAMES*, vol. 4, pp. 131-148. Campinas.
- SILVA, Alvaro. (s/d) *Idioma falado pelos índios do Posto Indígena Guido Marliere — Krenak*. Manuscrito. Rio de Janeiro, Serviço de Proteção aos Índios (SPI).
 Loukotka (1955) menciona o manuscrito, um vocabulário krenak, ao qual não teve acesso. Não nos foi possível localizá-lo.
- SILVA, Thais Cristóvão Alves da. (1986) *Descrição fonética e análise de alguns processos fonológicos da língua krenak*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais*.
 Apresenta uma análise fonética e fonológica da língua com base em dados coletados com os falantes nakrehé.
- SILVEIRA, Alvaro Astolpho da. (1922) *Memórias chorográficas*, t. II, pp. 529-543. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais*.
 No capítulo V, intitulado “Os Botocudos”, inclui um vocabulário pojitxa, constituído de duas partes, “Pojitxa-potuguêz” e “Portuguêz-pojitxa”, com respectivamente 191 e 192 itens ordenados alfabeticamente. O vocabulário é seguido de um diálogo. Os termos botocudo são transcritos com grafia baseada no português.
- SIMÕES DA SILVA, Antônio Carlos. (1924) A tribo dos Crenaks (Botocudos do rio Doce). *Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas*, t. I, pp. 65-83. Rio de Janeiro*.
 Apresenta um “Vocabulário crenak” com 165 itens não-ordenados alfabeticamente, coletados pelo autor em 1918. Os termos botocudo são transcritos com grafia portuguesa e traduzidos para o português, castelhano, italiano, alemão e francês.
- STOUT, Mirian Elizabeth. (1973) *Relatório lingüístico ao general Demócrito Soares de Oliveira*. Manuscrito inédito. Brasília, Arquivo do Summer Institute of Linguistics*.
 Inclui uma lista com 169 itens, entre palavras e frases, transcritos foneticamente. Os dados foram coletados no município de Itambacuri com dona Zeferina da Rocha Poté.
- TSCHUDI, Johann Jakob von. (1966) *Reisen durch Sudamerika*. Leipzig.
 O volume II da obra inclui, segundo Loukotka (1955), um pequeno vocabulário do Naknanuk.

WIED-NEUWIED, Maxmilian Prins zu. (1940) *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Edição refundida e anotada por Olivério Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Brasiliana, grande formato, série 5, vol. I)*.

A obra inclui um "Vocabulário dos Botocudos" com 459 itens coletados entre os indígenas do Rio Grande de Belmonte (Jequitinhonha) em 1816, e posteriormente conferidos e complementados com o auxílio de um índio que Wied levou para a Alemanha. Os dados são transcritos com base na grafia alemã e, por vezes, francesa. Em adendo ao vocabulário, o autor apresenta uma exposição do Sr. Goetling — "Sobre a língua dos Botocudos".

WIED-NEUWIED, Maximilian Prins zu. (1969) *Acréscimos, correções e notas à descrição de minha viagem pelo Leste do Brasil*. Traduzido do original alemão e anotado por Olivério Mario de Oliveira Pinto. CNPq.

Contém retificações aos vocabulários de línguas indígenas coletados pelo autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDUS, Herbert. (1954) *Bibliografia Crítica de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Comissão do IV Centenário.

_____. (1968) *Bibliografia crítica de etnologia brasileira — Vol. II (Völkerkundliche Abhandlungen, Band IV, herausgegeben von Hans Becher)*. Hannover: Kommissionsverlag Münstermann — Druck GmbH.

BORBA DE MORAES, Rubens. (1983) *Bibliographia Brasiliana, rare books about Brazil published from 1500 to 1900 and works by Brazilian authors of the colonial period*. UCLA Latin American Center Publications, Reference Series nº 10. Rio de Janeiro, Kosmos.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. (1959) A obra lingüística de Curt Nimuendaju. *Publicações Avulsas*, nº 29. Rio de Janeiro: Museu Nacional.

_____. (1965) *Introdução as línguas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

FERRAZ, Luiz Pedreira do Couto. (1906) Apontamento sobre a vida do índio Guido Pokrane e sobre o francês Guido Marlière. *R.A.P.M.*, vol. XI, pp. 410 e ss. Belo Horizonte.

HARTMANN, Thekla. (1984) *Bibliografia crítica da etnologia brasileira — Vol. III (Völkerkundliche Abhandlungen, Band IX, herausgegeben von Hans Becher)*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag.

HARTT, Charles Frederick. (1870) *Geology and physical geography of Brazil*. Boston: Fields, Osgood, pp. 577-606.

KOMISSAROV, Boris Nikolalaevitch. (1970) *Materialy Ekspeditsii G.I. Langsdorfa v Brasiliju (1821-1829) kak istoricheskij istotchintk*. Leningrado.

LEITE, Yonne. (1960) A obra lingüística de inédita de Curt Nimuendaju. *Revista de Antropologia*, vol. 8, nº 2. São Paulo.

MANIZER, Henri Henrikhovitch. (1948) *Ekspeditsija Akademika G.I. Langsdorfa v Brasiliju*. Moscou: OGIZ-GEOGRAFGIZ.

MANSUR GUÉRIOS, Rosário Ferani. (1972) Recordações dos índios botocudos I, II, III. *O Estado do Paraná*. Curitiba, 23/4, 30/4 a 7/5.

MARCATO, Sonia de Almeida. (1979) A repressão contra os Botocudos de Minas Gerais. *Boletim do Museu do Índio. Etno-História*, nº1. Rio de Janeiro.

_____. (1980) Remanescentes indígenas do Leste brasileiro (dat.). FUNAI, Setor de Documentação. Brasília.

- MÉTRAUX, Alfred. (1964) The Botocudo. *Handbook of the South American Indians*, t. I, pp. 531-540. Washington.
- MONTEIRO DO AMARAL, padre Claro. (1900) Memória sobre usos e costumes dos índios guaranis, caiuas e botocudos. *R.I.H.G. Brasileiro*, t. 63, vol. II, pp. 263-273. Rio de Janeiro.
- OTTONI, Theophilo Benedito. (1858) Notícia sobre os selvagens do Mucury. *R.I.H.G. Brasileiro*, t. 21, pp. 190-238.
- PALAZZOLO, frei Jacinto de. (1945) *Nas selvas do Mucuri e do rio Doce*. Petrópolis.
- RIBEIRO, Darcy. (1957) *Línguas e culturas indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Gna. (1972) Línguas ameríndias. Verbetes “língua”. *Grande enciclopédia delta-Larrousse*, t. IX. Rio de Janeiro.
- SCHPRINTSIN, Noemi Grigorjevna. (1947) Materialy russkikh ekspeditsii v Ju•nuju Ameriku, khranjashiesja v Arkhive A.N. SSSR i v Institute Etnografii. *Sovietskaja Etnografija*, nº 2, pp. 187-194.
- _____.(1948) Introdução ao livro de H. H. Manizer, *Ekspeditsija Akademika G.I. Langsdorfa v Brasiliju*. Moscou.
- _____.(1964) Iz arhivnykh materialov po jazykam indeitsev Brasílii. *Sovietskaja Etnografija*, nº 3. Moscou.
- SEKI, Lucy. (1981) *Botocudos (Borum) — Resultados de um levantamento genealógico*. Manuscrito inédito.
- _____.(1983) Estado atual do povo e da língua krenak (botocudo). Manuscrito não-publicado. Apresentado em colóquios lingüísticos. IEL, UNICAMP. Campinas.
- _____.(1984a) Botocudos — Notas para a história de uma sobrevivência. Manuscrito não-publicado. Apresentado em colóquios lingüísticos. IEL, UNICAMP. Campinas.
- _____.(1992) Notas para a história dos Botocudos (Borum). *Boletim do Museu do Índio, Série Documentação*, nº 4. Rio de Janeiro: Museu do Índio. (O texto foi anteriormente apresentado na IX Reunião da ANPOCS. Curitiba, 23-26/3/1986.)
- VASSILIEVA-SCHVEDE, Olga Konstantivna. (1947) Lingvisticheskie Materialy russoj Ekspeditssi v Brasiliju 1821-1829 g.g. *Nauchnyj Bjuleten L.G.U.*, nºs 14-15. Leningrado.